

AFASIA E A ABORDAGEM DO ERRO NA FALA E NA ESCRITA: UM ESTUDO DE CASO

Iva Ribeiro COTA*
Nirvana Ferraz Santos SAMPAIO**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
ivarcota@gmail.com
nirvanafs@terra.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta análises a partir do estudo de caso do sujeito RG, 34 anos, com quadro de Acidente Vascular Cerebral Isquêmico (AVEi), e diagnóstico de afasia. Através de um acompanhamento longitudinal, o que se pretende é avaliar a linguagem em funcionamento neste sujeito após essas intercorrências, acompanhando suas dificuldades do ponto de vista linguístico. A hipótese que orienta esta pesquisa defende que a análise da reestruturação da linguagem no caso de afasia se dá no viés da reintegração e reestruturação social, subjetiva e linguística, pois, a língua oferece recursos que possibilitam aos sujeitos afásicos a mobilização das suas dificuldades e a linguagem, que permeia o humano, possibilita a utilização de sistemas alternativos de significação. Os resultados indicam que a avaliação e a intervenção linguística eficazes colaboram sobremaneira para a reabilitação do funcionamento da linguagem dos sujeitos afásicos e que a abordagem do erro na fala e na escrita devem ser tratados com cuidado nos casos de afasia, uma vez que os erros sublinham enigmas que são desvendados em meio aos acertos.

Palavras-chave: fala; escrita; sujeito; afasia.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo baseia-se no acompanhamento longitudinal de RG, 34 anos, que apresenta, segundo diagnóstico médico, a Afasia como sequela de um Acidente Vascular Cerebral Isquêmico (AVCi) decorrente de trombose de seio venoso.

Desde o dia 1º de julho de 2011, RG tem sido acompanhada no Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (LAPEN), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Mestrado Acadêmico em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO), em atividades individuais e em grupo, com o intuito de avaliar o funcionamento da linguagem e intervir nas dificuldades linguísticas apresentadas em situações reais de comunicação.

As atividades individuais caracterizam-se por sessões que buscam evidenciar a forma como o sujeito em questão lida com o funcionamento da linguagem depois do AVCi e do diagnóstico de afasia, partindo de conversas informais, leituras, jogos, filmes, músicas, conversas ao telefone, troca de correspondências por MSN, e-mail, etc. As atividades em grupo são

* Iva Ribeiro Cota é graduada em Letras com Inglês e Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB.

** Professora Doutora em Linguística pela UNICAMP, lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB. Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB.

realizadas de forma interativa com outros sujeitos afásicos e pesquisadores com o objetivo de compartilhar e socializar experiências.

Com o acompanhamento longitudinal, observa-se que RG apresenta dificuldade de evocar palavras, troca de fonemas, dificuldade de leitura, de escrita e de representação numérica, além de déficit na percepção acústica em conversas ao telefone. Nas atividades em grupo, observa-se que, quando há sobreposição de fala de interlocutores, apresenta dificuldade de compreensão, perda do foco e desvio do tópico conversacional.

Nesse acompanhamento, o que se avalia é a linguagem em funcionamento em RG após essas intercorrências, verificando suas dificuldades do ponto de vista linguístico, buscando compreender a abordagem do erro na fala e na escrita. Para esclarecer esses dilemas e para avançar nesse caminho, a preocupação central da pesquisa é: Como compreender as características da afasia do sujeito em questão, o que se propõe como erro na fala e na escrita e a qual relação entre sua caracterização e o seu tratamento? A hipótese que orienta esta pesquisa defende que a análise da reestruturação da linguagem no caso de afasia se dá no viés da reintegração e reestruturação social, subjetiva e linguística, pois, a língua oferece recursos que possibilitam aos sujeitos afásicos a mobilização das suas dificuldades e a linguagem, que permeia o humano, possibilita a utilização de sistemas alternativos de significação.

2 FUNDAMENTANDO O ESTUDO DE CASO DE AFASIA

Para fundamentar esse estudo de caso de afasia, toma-se com criticidade as discussões propostas, principalmente, por Freud (1891), Saussure (1916), Jakobson (1969; 1970), Coudry e Possenti (1983), Coudry (1988; 2002; 2008), Morato (2001), dentre outros trabalhos que subsidiam esta pesquisa na perspectiva dos estudos linguísticos.

Para a análise do diagnóstico de afasia, parte-se do seguinte conceito:

A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação. (COUDRY, 1988, p.5)

Nesse contexto, a alteração do funcionamento da linguagem dentro da perspectiva de um evento neurológico distingue-se das trocas ou dificuldades com a linguagem apresentadas por pessoas em perfeitas condições de saúde.

O conceito de linguagem, direcionador do presente estudo, é tomado como uma atividade que se constitui “[...] na dimensão contextual e social em que os homens, por ela, atuam sobre os outros, na dimensão subjetiva em que, por ela, os homens se constituem como sujeito, na dimensão cognitiva em que, por ela, os homens atuam sobre o mundo estruturando a realidade. (COUDRY, 1988, p.47).” Assim:

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 1977, p. 22)

Cabe destacar que “[...] a linguagem não se limita às ‘formas’. Por isso, o que há de lingüístico além das formas também deve ser avaliado.” (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 99). Desse prisma, a linguagem é um modo de significar o mundo em um trabalho coletivo que inclui o subjetivo, e, essa significação se dá pelas mais diversas maneiras.

A partir dessa base, conceitua-se língua como “[...] as regras sociais do jogo da linguagem que se originam na prática com a linguagem” (COUDRY, 1988, p. 56), pois, a língua está situada para além de qualquer pessoa e anterior a qualquer sujeito, mas o determina. Nesse processo, engloba-se a constituição da subjetividade, pois, “[...] saber uma língua é constituir-se pessoalmente de enunciações e constituir-se através dela. Sabe a língua aquele que exerce sua subjetividade pela linguagem, levando em conta leis sociais indicativas de processos de construções de enunciados [...]. (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 100)

O estudo de caso de afasia nessa perspectiva engloba, portanto, um sujeito que se manifesta por meio da linguagem, tem um papel ativo e reconstitui-se na interação, pois, “é a partir da prática discursiva e de seus constituintes que aquilo que o sujeito identificou na língua passou ou passa a ‘fazer’ sentido para ele” (MORATO, 2001, p. 167). E o que aqui se propõe como acompanhamento longitudinal é uma proposta abrangente que envolve interação troca, situações de comunicação em que:

O trabalho de reconstrução dos objetos lingüísticos perdidos é um trabalho em conjunto, rico de experiências recíprocas, de relações intersubjetivas e pessoais em que se criam ‘os compromissos de uma cumplicidade, base para o estabelecimento das relações entre os interlocutores’ afásicos e não afásicos. (FRANCHI, in: COUDRY, 1988, p. XIII)

É nesse sentido que se busca um trabalho com bases na Neurolinguística Discursiva (doravante ND) que se constitui de um “conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam.” (COUDRY, 2008, p. 16)

Dentro da perspectiva da ND, as concepções teóricas que norteiam essa pesquisa põem em relevo que “se o dado é construído na interação, forma-se um vínculo entre o investigador e o paciente, relevante tanto para a emergência do dado quanto para a própria terapia” (COUDRY, 1996, p.184), levando à percepção da importância de considerar o “dado-achado” que resulta da articulação teórica a respeito do objeto em investigação juntamente com a avaliação e acompanhamento dos processos lingüísticos e cognitivos envolvidos.

O que se evidencia é uma avaliação da linguagem em funcionamento com todos os seus múltiplos usos e com particularidades do sujeito que a desenvolve, pois:

[...] a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos (afasia), diferentemente da abordagem tradicional assentada em tarefas essencialmente metalingüísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e culta de língua, insere-se no exercício de *práticas que fazem sentido* para o sujeito, relacionadas a situações de uso social da linguagem. Por isso, nessa perspectiva, se avalia como o sujeito expressa sentidos e interpreta o jogo verbal de que participa como sujeito falante de uma língua natural, levando em conta que o sentido não é dado previamente, mas se faz em meio a contingências enunciativas e ântropo-culturais. (COUDRY, 2002, p.112)

Adentrando o universo que cerca a linguagem do afásico destaca-se que “Para estudar, de modo adequado, qualquer ruptura nas comunicações, devemos, primeiro, compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que cessou de funcionar.”

(JAKOBSON, 1999, p. 34), pois cada caso traz especificidades que devem ser consideradas, já que o universo que constitui essa linguagem não se limita a categorias.

E, ainda, cabe esclarecer que dentro desse universo de apagamentos que cercam o sujeito afásico no âmbito da fala é que se constituirá o alvo das relações com o estudo Saussureano, pois, não se pode deixar de considerar que “A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve.” (SAUSSURE, 1916, p. 22).

Nos dados do estudo de caso que aqui se apresenta, recorre-se à parafasia que é “uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por uma outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação com a palavra exacta” (FREUD, 1891, p. 9) para elucidar os desafios enfrentados pelo sujeito RG para se comunicar. Nesse sentido, esclarece-se que “[...] a parafasia observada em alguns doentes não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si próprio em caso de cansaço ou de atenção distraída ou sob a influência de estados afetivos que o perturbam (...)” (FREUD, 1891, p. 9). É lançando o olhar para o que o sujeito evidencia na linguagem em funcionamento que se pode compreender a amplitude da linguagem em si.

3 A ABORDAGEM DO ERRO NA FALA E NA ESCRITA DO AFÁSICO: UMA AMOSTRA

Para compreender a abordagem do erro na fala e na escrita do afásico, tomemos o dado transcrito da situação comunicativa do dia quinze de julho de dois mil e onze. Esse dado é transcrito abaixo seguindo, com algumas adaptações, o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP (conferir anexo 1)¹.

Na situação comunicativa, com dado intitulado “Deciderido / desconjerido / esconderijo”, Iic e RG conversam sobre as dificuldades na fala e na escrita. Ao relatar os desafios da escrita, que segundo ela são semelhantes aos da fala, RG tenta descrever o impasse vivenciado com a palavra esconderijo e no momento do relato a dificuldade novamente vem à tona.

Situação Comunicativa 15/07/2011

Quadro 1: Dado 1: Deciderido / desconjerido / esconderijo

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	Iic	Deixa eu lhe perguntar uma coisa: quando você fala em dificuldade da escrita, é por conta da coordenação motora?	Tom: interrogativo	
2	RG	Não é do mesmo jeito / a mesma dificuldade / a mesma coisa da fala. / tem palavras que...	Tom: negativo	

¹ Cabe mencionar que o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP foi retirado da tese de doutorado intitulada “Uma abordagem sociolinguística da afasia: O Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP)” de autoria de Nirvana Ferraz Santos Sampaio (2006).

3	Iic	Nesses momentos, também a sua dificuldade vem na hora de digitar?	Tom: interrogativo	
4	RG	É do mesmo jeito. E assim é / eu acho que não tem não / mas eu anotei essa semana algumas palavras que eu queria falar e que igual na sexta-feira passada que / Você lembra qual foi a palavra?	Tom: afirmativo	Procura em uma pasta algumas anotações.
5	Iis	Vamos lembrar? Quando uma pessoa esconde uma coisa assim?	Tom: interrogativo	Esconde um lápis embaixo do papel
6	RG	É, é / decidido, não, é / desconjerido / não / é / é. / decidido não é	Tom: dúvida	
7	Iic	È com e.	Tom: afirmativo	
8	RG	Peraí! ES-CON, ES-CON, ES-CON-DE-RI-JO, desconderijo, esconderijo. Porque assim é / a gente fez um / teve uma fe / lá em casa aí eu queria falar a palavra e aí a palavra que vem é essa desconjerido que não tem nada a ver. Eu falei assim: Meu Deus do céu e aí eu falei, mainha, porque eu ri, eu dou risada e não consigo falar, aí mainha fala assim: 'O que que é desconjerido?' Mainha desconjerido, o que que é desconjerido? Eu sei quando você pega uma coisa / e eu falo assim normal achando que é normal. Assim, eu sei que eu tô errada.	Tom: afirmativo	Recorre à simulação da escrita da palavra na mesa, ao mesmo tempo que pronuncia sílaba por sílaba, em várias tentativas distintas, com o intuito de evocar a palavra.
9	Iic	Na hora que você fala você tem consciência?	Tom: interrogativo	
10	RG	Assim eu sei que tá errada. Entendeu? Tanto é que eu falo assim / às vezes eu paro e falo assim / não era isso, essa palavra que eu quero falar não, mainha, o negócio, qual é a palavra? / Quando a gente pega uma coisa e desconde, esconde, como é o nome? Aí ela fala: es / es / Como é o nome? Des / ES-CON-DE-RI-	Tom: afirmativo	

		JO. Só que na hora e falo como se fosse uma palavra normal assim. Como se fosse certo. Aí o problema é que ela começa rir e eu ri também. \rir		
--	--	--	--	--

A situação comunicativa transcrita no Dado 1 inicia com um questionamento feito por Iic em relação à escrita de RG. Com a frequência de pausas breves indicadas pela barra (/) percebe-se a dificuldade desse sujeito de evocar palavras para construir os sintagmas. É nesse contexto que se evidencia o papel da atividade epilinguística em que se busca meios alternativos para solucionar suas dificuldades retomando a fala do outro ou utilizando outros recursos da linguagem como, por exemplo, gestos e *performance* (no quadro acima, o gesto de esconder o lápis debaixo do papel foi feito por Iic, mas em outro momento, desta mesma sessão, foi feito por RG) e, assim, “o sujeito explora recursos da sua linguagem e reutiliza elementos na construção de novos objetos linguísticos” (COUDRY, 1988, p.15).

Nesse processo, RG chega ao turno 6 com o desafio de evocar a palavra esconderijo e revela as formas “deciderido”, “descongerido” alternadas na sua fala e que simultaneamente passam pela sua avaliação negativa “não é” demonstrando que aquela representação não condiz ao que quer expressar, pois, a representação psíquica do que foi dito é diferente do que transpareceu na fala. E, Saussure (1916) justifica: “a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos *fala (parole)*” (SAUSSURE, 1916, p 21) levando a compreensão da fala como:

[...] um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 1916, p 22)

É preciso considerar que a avaliação negativa de RG - “não é” - diante da escuta da sua própria fala e do estranhamento do interlocutor demonstra a necessidade de estar de acordo com a língua que é “[...] um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade” (SAUSSURE, 1916, p 17) e considerar que “[...]o indivíduo, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la[...].” (SAUSSURE, 1916, p 22)

Percebe-se que o sujeito oscila entre o emprego do prefixo “de” (que dá ideia de movimento de cima para baixo) - que pode ter relação com o enunciado não verbal de Iic ao esconder o lápis debaixo do papel e do prefixo “des” (vinculado à ideia de separação, ação contrária) ao tentar evocar a palavra, em tentativas que revelam a combinação de partes que remetem a forma desejada “esconderijo”.

Ao contar com a intervenção de Iic que diz “É com e.”, no turno 7, RG faz a reorganização psíquica da palavra e recorre à simulação da escrita da palavra, no turno 8, com o intuito de organizar a sua produção e em meio a tentativas silabadas produz “es-con”, “es-con-de-ri-jo”, oscila novamente na dificuldade com “desconderijo” mas, firma-se com esconderijo. Para explicar esse processo cabe considerar o que Jakobson (1969) aponta:

Todo signo lingüístico implica dois modos de arranjo:

1) A combinação. Todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos. Isso significa que qualquer unidade lingüística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade lingüística mais complexa. Segue-se daí que todo agrupamento efetivo de unidades

lingüísticas liga-as numa unidade superior: combinação e contextura são as duas faces de uma mesma operação.

2) A seleção. Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces de uma mesma operação. (JAKOBSON, 1969, p.39)

É perceptível que o sujeito em questão ao se deparar com dificuldades no eixo da seleção, supre a suas necessidades com o eixo da combinação. No turno 10, por exemplo, ao dizer: “Quando a gente pega uma coisa e desconde, esconde(...)”, demonstra ter a saída de recorrer aos recursos que a própria língua oferece para conseguir se comunicar.

O que se pode notar na fala de RG é o papel de um enunciador crítico, determinado, consciente dos desafios que encontra no universo da linguagem. No turno 8, ela teoriza com a sua fala a abordagem do erro na fala e na escrita ao relatar a sua dificuldade e o seu enfrentamento, o que leva a considerar:

[...] duas coisas importantes: que ninguém é um falante ideal e que a comunicação humana é mesmo cheia de percalços. De todo modo, interagir com os outros e com o mundo é mesmo a nossa melhor aventura existencial. Todos sabemos o lugar que a fala e a escrita ocupam em nossas múltiplas possibilidades de comunicação. (MORATO, 2002, p.9)

É relevante considerar como experiência nesse contexto os meios de significação construídos com o outro e que compõe esse círculo que envolve a língua e a linguagem.

Cabe destacar que para evocar a palavra na linguagem oral, RG utiliza-se, também, da escrita como uma forma de organização. E, para justificar o uso desses meios, as colocações de Freud esclarecem que:

[...] a patologia das perturbações da linguagem não faz mais que repetir uma situação que se apresenta normalmente durante a aprendizagem das funções de linguagem. (...) A única diferença está no facto de no aprender estarmos ligados à hierarquia existente dos centros que iniciaram a sua função em tempos diversos (primeiro o sensorial acústico, depois o motor, mais adiante o visual e por fim o gráfico), ao passo que nos casos patológicos é chamado em auxílio em primeiro lugar o centro que permaneceu mais eficiente. (FREUD, 1891, p. 29)

Reiterando a importância de se examinar todos os aspectos da linguagem que compõem o sujeito é que Coudry (1988) ressalta:

[...] essa atividade do sujeito, aquilo que realça, os recursos que emergem a partir de sua doença, não poderá ser depreendida fora de condições de exercício da linguagem. Importa menos estudar o resíduo que a afasia provocou no sujeito (reconhecimento de déficits através de sintomas) e mais conhecer suas dificuldades e favorecer o desenvolvimento de alternativas próprias para reelaborá-las. (COUDRY, 1988, p.196)

A linguagem vem reafirmar o seu caráter constitutivo no estudo desses dados. Mesmo com as limitações que a afasia pode trazer, existe a linguagem, língua e, conseqüentemente, um sujeito. O que torna imprescindível é buscar meios para que o afásico supere a sua condição afásica através do exercício constante do seu papel de sujeito da linguagem em situações de interação e reconstrução com o outro, com os recursos linguísticos e com os outros sistemas de significação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se destaca nesse processo é que a reconstrução da linguagem não se dá no isolamento e sim no encontro com o outro e com os recursos linguísticos. É no momento que RG interage com o investigador com o seu novo padrão de normalidade é que suas intenções vão transparecendo e que as suas ideias são compartilhadas. Dessa forma, a sua deficiência transforma-se em estímulo para um processo de significação e reconstrução.

As considerações sobre sujeito e linguagem devem ser bem pensadas ao se propor estudos de afasia, pois a postura que se toma perante esses casos refletirá em experiências para esses sujeitos. Assim, torna-se imprescindível considerar que “o investigador não é um sujeito exterior e distante que ‘observa, analisa e teoriza’, mas um verdadeiro interlocutor que participa do espaço de linguagem em que o afásico se constitui como sujeito.” (COUDRY, 1988, p.196).

Assim, a linguagem deve ser interpretada não só na ordem daquilo que é dito, pressupondo uma mensagem pronta e dissociada do sujeito e do mundo, mas na ordem da relação entre os dizeres e seus subentendidos, como um processo ativo, dinâmico, construído nas relações. Dessa maneira, o significado da palavra e o seu entendimento dependem necessariamente da relação que se estabelece entre os sujeitos. Esses aspectos devem ser destacados no estudo do funcionamento da linguagem após ocorrências neurológicas que tornam sujeitos afásicos, pois, o trabalho de reconstrução dos aspectos linguísticos apagados é um trabalho em conjunto.

Assim, reitera-se que a avaliação e a intervenção linguística eficazes colaboram sobremaneira para a reabilitação do funcionamento da linguagem dos sujeitos afásicos e que a abordagem do erro na fala e na escrita devem ser tratados com cuidado nos casos de afasia, uma vez que os erros sublinham enigmas que são desvendados em meio aos acertos.

5 REFERÊNCIAS

COUDRY, M.I.H.. **Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

_____. **Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução**. Estudos da Língua(gem), 2008; 6: p. 9-38.

_____. **Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística**. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 99-129, 2002

COUDRY, M.I.H; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 5, 1983, p. 99-109.

FRANCHI, C. **Linguagem – Atividade Constitutiva**, in Almanaque, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 9-27.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1891. (Edição consultada: 2003)

JAKOBSON, R. A afasia como um problema lingüístico. In: LEMLE, M. (Org.). **Novas perspectivas lingüísticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970, p. 43-54.

_____. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 34-62. (Edição consultada: 1999)

MORATO, E.M.. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 143-169.

MORATO, E.M. (Org.). **Sobre as Afasias e os Afásicos**: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo centro de convivência de afásicos (Universidade Estadual de Campinas). Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002. 62 p.

SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolingüística da afasia**: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala. Originalmente apresentada como Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1916. 279 p. Edição consultada: 2006.

ANEXO 1

Banco de Dados em Neurolinguística (BDN)

Modelo de Registro

O BDN é formado por: um sistema de notação e codificação que representa a dinâmica da atividade verbal e não verbal vivenciada no grupo II do CCA e certas especificidades da linguagem patológica.

A fim de padronizar o registro dos dados foram criadas, para o BDN, uma série de “regras”.

1)Tabela

É composta por 6 colunas: Código de Busca, Numeração dos enunciados, Sigla do Locutor, Transcrições, Observações sobre condições de produção do enunciado verbal, Observações de condições do enunciado não-verbal.

***Coluna Código de Busca:**

É usada a seguinte notação:

Código	Finalidade
\tom	Entonação utilizada pelo falante
\TF	Transcrição Fonética
\her	Hesitação, repetição
\top	Topicalização sintática
\neg	Enunciado negativo
\ins	Inserção
\aí	Aí, daí, então
\né	
\tá	
\rir	Risos/humor
\int	Introdução de opinião
\lei	Leitura em voz alta
\com	Comparação
\esc	Escrita
\:	Alongamento vocálico
\imp	ordem, pedido
\/	Pausa breve
\//	Pausa longa
\?	pergunta
\!	Exclamação

*** Coluna Sigla do Locutor**

Os sujeitos devem ser identificados por uma sigla(de 2 letras e em maiúsculo) que é formada a partir da primeira letra de seu nome e a primeira de seu sobrenome. Exemplo : CF = Ceumara Fernandes

Já o investigador é identificado por uma sigla de 3 letras, na qual a primeira será a letra “ i” (Investigador) em maiúsculo e as duas seguintes as primeiras letras do nome e

sobrenome em minúsculo. Exemplo: Imc = Investigadora Maria Coudry

***Coluna Transcrição**

Espaço destinado para registro baseado **no que foi dito** pelos sujeitos e investigadores. Esses registros podem ser feitos de dois tipos: a transcrição fonética (utilizando os caracteres do IPA) e a transcrição simples ou ortográfica.

*** Colunas de Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais e Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais**

Espaço destinado para se explicitar a natureza dos dados, não mais o que foi dito mas **como foi dito**. Engloba observações a cerca do **ritmo** (pausado, acelerado, hesitação, pausa breve, longa etc.) e do **tom** (afirmativo, dúvida, surpresa, decepção, suspense, ironia, incerteza, enumeração etc).

Além de observações sobre os gestos(não-verbais).

2) Outras marcações:

* Marcação de ênfase ou acento mais forte que o habitual -----> a transcrição do enunciado é feita em letras maiúsculas.

* Marcação de alongamento de vogal -----> usa-se dois “pontos” após a vogal alongada (:)

* Marcação de Silabação -----> usa-se hífen indicando a silabação. Exemplo: A – DO- REI.